

NARRATIVAS (IN)ACABADAS: AS MULHERES NO ROMANCE INÉDITO E INACADO DE JORGE AMADO

Thalita da Silva Coelho¹

Tânia Regina Oliveira Ramos²

No prefácio do seu livro nunca publicado, escrito durante o exílio em Buenos Aires e ou em Montevideu, Jorge Amado, num exercício de colocar-se fora de si, escreve na terceira pessoa: “A fidelidade de Jorge Amado à sua obra literária e ao povo da sua terra tem sido objeto de estudos não só de críticos nacionais: Gabriela Mistral, a grande poetisa chilena, diz que nenhum escritor da América, como Jorge Amado, tem sabido fazer da sua vida e da sua obra um único bloco. Essa fidelidade de Jorge Amado à sua obra e ao seu povo levou-o a exilar-se. Hoje vive fora do Brasil, mas sempre em função do Brasil e da liberdade do povo brasileiro (...)”.

O acervo Mala de Jorge Amado vem sendo trabalhado pela equipe de pesquisadoras do nuLIME desde 2012, tem sido catalogado, restaurado e conservado em ambiente propício para os documentos. Correspondências, fotografias, recortes de jornais, documentos pessoais do escritor baiano, originais de poemas e prosas. Todo esse material é perpassado por intenso conteúdo político: correspondências do PCB e da ANL, fotografias de Luiz Carlos Prestes e de conferências sobre o comunismo, reportagens sobre o líder comunista, uma carteira de trabalho de Jorge Amado – que escondia um endereço em Moscou –, poemas sobre Prestes e prosas das mais diversas, entre elas, o romance inédito de Jorge Amado, talvez o mais militante de sua obra.

É curioso que, para falar de si, Amado deixe reverberar uma voz de mulher, a voz de Gabriela Mistral, pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, poeta e feminista chilena, presente nos documentos do acervo. Talvez um bom presságio para quem pretende se deter sobre a representação de mulheres na obra inédita, de um autor que é frequentemente – e com razão – criticado por usar

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, Florianópolis – SC, Brasil. E-mail: thalitasilvacoelho@gmail.com

² Professora Doutora Titular do curso de graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas e da Pós-Graduação em Literatura da UFSC, Florianópolis – SC, Brasil. E-mail: taniareginaoliveiraramos@gmail.com

estereótipos femininos.

No romance inacabado e inédito, intitulado por vezes como *São Jorge dos Ilhéus*, outras como *Agonia da Noite* títulos posteriormente usados pelo escritor, em obras posteriores, toda a história desenrola-se numa noite de tempestade, ao redor de um rádio, à espera do sinal da luta. É naquele espaço da sala de Augusto que se dará a maior parte do enredo, que acompanha os anseios, medos e sentimentos de cada uma das personagens, sem focar, de fato, em um núcleo específico. A personagem principal parece ser a espera pela revolução, uma revolução, que enquanto duram as páginas inacabadas do romance, jamais chega.

Quando nos referimos a “seis homens”, não pretendemos usar a palavra como sinônimo de humanidade, apagando assim a participação das mulheres como seres humanos e agentes da história, quisemos realmente frisar que aqueles que se sentaram ao redor do aparelho de rádio, que dançaram o samba que tocou alto na sala da fazenda, eram homens, sexo masculino, ao redor da voz da revolução. Lopes, o calmo militante, aquele que está na revolução pela revolução; Raymundo, o líder do movimento universitário, que está lá pela glória; Mario, pela esperança de que a morte lhe apague a culpa de relacionar-se com a esposa do melhor amigo; Miguel, o negro alegre que dirige o carro e conserta o rádio, que vê na luta uma oportunidade para os desfavorecidos; Prensa, o odiado por todos que está na revolução porque quer fazer homens sangrarem e mulheres chorarem; e Augusto, o dono da fazenda, que torcia para que os companheiros nunca chegassem à sua casa com o rádio que traria o grito da revolução.

Na casa, além dos seis homens, estão os filhos de Augusto e Dalva, sua esposa. Ela, ao contrário dos militantes, evita aproximar-se, permanece por um tempo rezando por eles e depois, divide-se em imaginar as emoções e histórias de cada um deles, e ansiar pela atenção e olhar do marido. Dalva é descrita como uma mulher de olhos tristes e mãos caídas, que deseja um rádio de Natal. Ela não está sozinha como personagem mulher do romance de Amado, o espaço é ocupado por mais outras cinco mulheres: Heloísa, a noiva de Raymundo, rica, bonita, a quem o noivo dedica os versos *Vieste com certeza dos mares do sul/Clandestina da Nau Catarineta*; Maria Franco,

amante de Mario e esposa de José Franco, dividida entre o compromisso do casamento e a felicidade; Joana, uma mulher que “bebia como qualquer dos homens” e que servia na casa de Dalva e Augusto; e Edith, uma mulher fora dos padrões de feminilidade, considerada pelos homens como medíocre, tem os cabelos curtos “como os de um rapaz”, o corpo pequeno de quem não fora “feita para a procriação”, casada com Heitor, o militante que acovardou-se e preferiu ficar na cama e garantir que viveria o amanhã.

Segundo Lucia Zolin, as literaturas de autores masculinos tomam perspectivas e direcionamento também masculinos, dirigindo a narrativa para um leitor homem, logo, as personagens mulheres tendem a permanecer em segundo plano, representadas por estereótipos:

[...] as críticas feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. (ZOLIN in BONICCI & ZOLIN, 2004, p. 170).

Por questões espaço e de construção das personagens, mergulharemos nas identidades de apenas três destas mulheres: Dalva, Maria Franco e Edith. Analisaremos sob o olhar da crítica feminista, a construção das personagens, pois é o que nos possibilita o tempo, os traços e características que as compõem nos permitem as considerar as personagens mais fortes do romance inédito de Jorge Amado, de modo a compreender as influências do social e político na (in)visibilidade de mulheres no espaço da militância do Partido Comunista dos anos 30-40.

DALVA: ESTEREÓTIPO E BENEVOLÊNCIA

Dalva, nas primeiras linhas em que aparece, parece se encaixar no *topoi* da mulher santa, Virgem Maria, a mãe sem sexualidade, que tem envelhecido e perdido o encanto. Durante todo o romance, ela permanece nos cantos e, além do marido, jamais passa pelos pensamentos das outras personagens masculinas que ocupam a sala de sua casa: é a mulher submissa, invisível, inaudível. Ela divide seu tempo em

rezar pelos homens – mesmo sem saber da revolução e pensar que ali eles estão apenas testando uma invenção -, e desejar a atenção do marido, que não lhe dirige a palavra. Dalva não é feliz, ela vive numa fazenda, afastada da família e dos amigos, largou tudo e todos na cidade por causa do casamento e dos filhos. Ela detesta o ambiente bucólico e selvagem, principalmente por temer cobras. Mais uma vez, parece haver um reforço do *topoi* benevolente: Dalva, a santa, teme a serpente, a personificação do demônio, do pecado, que se relaciona diretamente a Eva. A serpente é também a mulher, o outro *topoi*, a mulher filha de Eva, demoníaca, ninfomaníaca, maliciosa. Dalva demonstra aqui ser a construção da mulher perfeitamente encaixada na dominação masculina, através do casamento e da igreja, que tem medo da serpente, do mal, do vil, do outro estereótipo feminino.

Em determinados trechos da narrativa, nota-se um desejo de Dalva em sair da sua posição de mãe e esposa submissa, quando esta contesta o marido e raciocina com independência. Em resposta, Augusto irrita-se com os desejos de ter voz da esposa e a repreende, mostrando, na verdade, um comportamento muito comum nos homens: ao sentir a ameaça das mulheres inteligentes, lhe chamam de loucas e exageradas. Luisa Marinho Antunes nos conta que, em 1898, Mobius explica no texto *On the Physiological Debility of Women* que “o desenvolvimento das capacidades intelectuais na mulher levaria necessariamente a um desvio sexual, já que suas capacidades mentais fossem desenvolvidas como as dos homens, os órgãos reprodutores atrofiariam e ter-se-ia um ser hermafrodita, um ser híbrido inútil.” (ANTUNES, 2014, p. 73). O conhecimento científico deveria ser possuído apenas por homens, que afirmavam sempre estar em busca da ciência e da lógica, mas justamente por estas serem dominadas majoritariamente por figuras masculinas, seus conhecimentos refletiam – e ainda refletem- seus desejos e medos: o desejo de permanecer sob controle da mulher e o temor de perder espaço para as mulheres que ousavam ir contra a sua “ciência”, que afirmava que havia apenas um sexo, sendo o homem a norma deste, e a mulher, um nível inferior do ideal, que, por sua frieza corporal, não conseguia desenvolver seus órgãos sexuais o suficiente para se tornarem macho, conhecimento difundido amplamente durante o Renascimento.

EDITH: A NÃO PERFORMATIVIDADE DE FEMINILIDADE

Os padrões de feminilidade impostos às mulheres são muitos e, apesar de algumas modificações conforme a época – como os padrões de corpo, que mudaram por influências socioeconômicas através dos tempos – tendem a sempre infantilizar e tornar frágil a figura feminina: meias que se rasgam facilmente, saltos que limitam movimentos e machucam os pés, roupas apertadas que impedem a respiração e a movimentação, tudo para transformar a mulher numa boneca, sem humanidade, algo que pareça, aos olhos masculinos, fácil de controlar, física e psicologicamente. Luísa Marinho Antunes nos diz que, durante o século XVIII, foi publicada a obra *Nova Relação das Melhores Prendas, de que se deve adornar huma Mulher para ser Formosa, e da Estimação, que se deve dar a bizarria da sua Gentileza, como coisa digna de muito preço, pela raridade deste diamante*, que dizia acerca da aparência feminina:

“Sem olhos belos não pode haver formosura; as faces devem ser rosadas no centro e brancas nas margens; a boca deve ser mais pequena do que grande, mais grossa que delgada, cor de cravo, encarnada; a testa branca, espaçosa, lisa, reluzente; os cabelos copiosos, compridos, de preferência louros; de sobrancelhas compridas, arqueadas, cheias de pelo, de cor negra, as pestanas, da cor das sobrancelhas, “compridinhas”; o nariz, branco, liso, afilado; os dentes devem ser alvos, lisos, iguais, miúdos, e unidos; as unhas, grandes e arrançadas; há exigências também em relação a veias, às orelhas, ao pescoço, aos peitos, às mãos, etc..” (ANTUNES, 2014, p. 130)

No Dicionário de Crítica Feminista (2005), organizado por Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral, ainda sem publicação no Brasil, o verbete sobre a feminilidade afirma que “uma aceção da feminilidade como um conjunto de regras impostas à mulher permite entender a existência de uma vasta indústria de moda, criada de forma a responder às exigências femininas, que, por sua vez, não passam de internalização de um ideal de mulher culturalmente dominante e, em última análise, definido pelos homens.” (p.68). Os homens sempre estiveram prontos a ditar padrões e comportamentos para que as mulheres, os seres sob seu comando, estivessem e continuassem na mesma posição de oprimidas, mesmo que inconscientemente. Para aquelas que não cumprissem suas regras: a loucura, a demonização, a tentativa de ser

um homem. Se uma mulher ousasse não ser um enfeite, submissa, usando sexo apenas para satisfazer o marido, para a reprodução, era considerada demoníaca, uma filha de Eva. Se, por outro lado, não performasse todos os passos para ser uma “mulher de verdade”, se lutasse por direitos civis e políticos, era masculina demais, pois ousava deixar o lugar que lhe foi dado.

Voltemos ao romance: Edith, casada com Heitor, é considerada pelos companheiros do marido uma “mulher medíocre”, justamente por não corresponder à feminilidade esperada: tinha cabelos curtos, o corpo era magro e pequeno. Heitor, ao que tudo indica pela narrativa, é homossexual e realiza na esposa, que foge à feminilidade, o desejo gay por um colega de sala:

Só o rosto estava voltado para a mulher cuja cabeça de cabelos cortados bem curtos como os de um colegial, repousava no travesseiro mole, na lassidão do primeiro sono. Estava deitada de costas, modelado o seu corpo na paina do colchão, escondidos os olhos no travesseiro para que o marido não visse que eles se fechavam, que já não podiam se conservar abertos. Heitor passou a mão tremula sobre o corpo pequeno de Edith, nadegas de adolescente, coxas bem feitas porém magras, o pijama fazendo-a ainda mais um rapaz e aquele cabelo cortado curto como cabelo de homem... Quiz beijar o pescoço da mulher para acordar, mas lembrou-se do pescoço de um rapazinho no internato, há tantos anos. Estava na carteira da frente. Heitor viu³ de subitão o pescoço do colega com os olhos do sexo. Era muito alvo, aos poucos o cabelo negro ia aumentando, até se derramar pela testa. Então o estudante lhe parecera uma mulher de cabelos cortados como homem e o desejo foi tão violento e o dominou de uma maneira tão brutal que ele se levantou e beijou desesperadamente o pescoço do outro. Depois caiu em espasmos na sala, os alunos correram, os padres e os bedéis. Ele estrebuchava no chão, dizia palavras incoerentes, um padre jovem murmurara que o demônio o possuía, outro rezava orações de exorcismo. E o menino que ele atacara chorava humilhado entre os sorrisos maliciosos dos colegas.

Era o mesmo pescoço, o cabelo cortado da mesma maneira... E ele que nunca vira essa semelhança de Edith... Fôra necessário que viesse essa noite, essa terrível noite para ele compreender a sua paixão. Bem que percebia os olhares dos amigos não se explicavam porque ele casara e tão doadamente amava aquela mulher magra e pequena, que todos achavam medíocre. Era o pescoço igual àquele outro pescoço tanto tempo antes desejado, era o mesmo corte de cabelo, a mesma forma das coxas, deviam ser as mesmas nadegas, aquelas nadegas que ele tanto imaginara possuir e fora encontrar em Edith muitos anos depois.

Desceu as mãos amedrontadas, sobre as nadegas magras. Nadegas de quem ainda não tinha o sexo definido, nadegas de mulher que não fora feita para a procriação. Era como um rapaz, era como se possuísse o jovem do colegio. Agora compreendia... Suas mãos tremiam no reconhecimento

repentino das nadegas que sempre amara. Desde rapazola... desde rapazola... – repetia para si mesmo com espanto. (AMADO, 1941, p.44)

Não temos muitos detalhes de Edith além da sua aparência e de ser uma mulher agradável e feliz. Ela parece estar ali única e exclusivamente para ser objeto de fetiche por Heitor, dentro de um relacionamento problemático que esconde os sentimentos e desejos do marido. A ambiguidade textual deixa evidente a homossexualidade de Heitor e a tentativa de esconder sua orientação sexual através de uma relação heterossexual, ainda que com uma mulher que fuja dos padrões de feminilidade. Edith aparece pouco no romance e não é desenvolvida além da sua imagem andrógina vinculada ao amor de infância de Heitor: o companheiro de sala. É interessante pensar na condição do homem gay que, apesar de ser oprimido dentro de uma sociedade heteronormativa, também abusa de uma mulher, fetichizando sua aparência para aquietar suas vontades reprimidas. O que nos faz pensar nas relações estruturais de poder, que não eximem um homem de seu papel misógino, mesmo sendo homossexual.

MARIA FRANCO: A CRUZ DE MARIO?

Maria Franco é a única, de todas as mulheres, que sabe o que está havendo e o porquê da reunião daqueles homens ao redor de um rádio. Ela suplica que Mario não vá, não siga à luta, que os dois fujam, juntos. É descrita constantemente como uma mulher corajosa, forte, que não chora, que almeja grandes aventuras e viagens, “Maria Franco, a sonhadora”. Ao contrário de Mario, Maria não parece angustiar-se com a culpa da traição: seu marido, José Franco, fugiu por questões políticas e ela acaba por se envolver com Mario, seu amigo, companheiro de luta de José. Mas ela não se abate, remói ou culpabiliza, repete diversas vezes que “Toda felicidade é traição”.

José Franco era professor de Maria, era “solto de língua e tratava as alunas como se elas fossem uns rapazes, seus amigos”. José Franco utilizava-se do seu charme, conhecimento e idade para se aproximar de alunas, como notamos no trecho “(...) ao ir encontrar Maria Franco na saída da escola, parou bruscamente porque ela vinha com um homem, jovem ainda, mas bastante mais idoso que ela, e conversavam

animadamente”. Logo depois, Maria e José acabam por se envolver e logo casam, pois José é afastado da escola por conta de suas atividades políticas. Ela, ainda muito jovem, foi seduzida por um homem mais velho, utilizando-se também do seu poder como professor, e, mais tarde, ao ver-se novamente sozinha, já não tão encantada com o marido, apaixonou-se pelo amigo de tanto tempo, Mario.

Maria Franco é a personagem mulher do romance inédito que menos se encaixa nos *topoi* femininos, os lugares comuns, clichês de mulheres: não é benevolente, como Maria, nem demoníaca, como Eva. Parece, ao primeiro olhar, a mulher mais real da história, talvez porque Maria Cruz tenha reverberado em Maria Franco. Maria Cruz foi uma militante comunista que manteve relação amorosa com Jorge Amado durante 1941, em Buenos Aires. Mais tarde, os dois se separam, o escritor vai para o Uruguai encontrar-se com a sua esposa Matilde Garcia Rosa, constantemente esquecida das biografias de Jorge Amado, e então dá-se início às complexas reações trianguladas, observado pelas cartas presentes no acervo A Mala de Jorge Amado. Thomás Pompeu Borges, o tradutor da biografia de Prestes para o espanhol, e amigo íntimo do escritor, conta por correspondência, que ele e Maria estão se relacionando, mas esclarece a todo momento que a relação apenas iniciou após o rompimento dos dois. Em correspondência, Pompeu confia ao amigo:

“Concordo plenamente com você, quando manifesta a certeza de que Maria e eu seremos felizes. Apesar de que estou convencido de uma coisa: amo a Maria muito mais do que ela pode querer e mesmo do que venha algum dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim, como gostou de você. E isso, de qualquer modo, lhe deve ser agradável de ouvir de meus lábios.” (Documento 891 02BG – Acervo Mala de Jorge Amado)

A relação de José Franco – Maria Franco – Mario lembra as narrativas construídas pela leitura dos documentos Jorge Amado - Maria Cruz – Pompeu Borges, é impossível passar pelas páginas do inédito sem perceber a semelhança. Maria Cruz, além do nome em comum, assemelha-se a Maria Franco também pela personalidade resoluta e forte: na única carta enviada por ela a Jorge Amado, presente na Mala, Maria demonstra conhecimento político e temperamento decidido. Na época, já em relacionamento com Pompeu, a militante diz não se entender com Jorge “nem mesmo por carta”. Essa análise nos faz pensar que, talvez, o romance inédito do autor seja, em

parte, uma autoficção, uma escrevivência, para usar um termo tão contemporâneo cunhado pela narrativa de resistência de Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Luisa Marinho. *As Malícias das Mulheres: discursos sobre poderes e artes das mulheres na cultura portuguesa e europeia*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao Pé da Letra: A Personagem Feminina na Literatura*. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

COELHO, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a Mala de Jorge Amado 1941 -1942*. Florianópolis: UFSC, 2016. 116 p. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário de Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005. 195 p.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. "Memórias e Esquecimentos: Jorge Amado (1941-1942)". In: Jorge Amado. Bahia de Todos os Santos. Guia de ruas e mistérios. FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (organizadores). Salvador: casa de Palavras, 2016, p. 49-62.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. *Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2004.

NARRATIVAS (IN)ACABADAS: AS MULHERES NO ROMANCE INÉDITO E INACABADO DE JORGE AMADO

Resumo: Nosso artigo tem como ponto de partida a catalogação e descrição de todos os documentos contidos no acervo denominado A Mala de Jorge Amado, no período datado entre 1941 e 1942. Esse acervo de 1400 páginas de documentos pertence ao nuLIME UFSC e dizem respeito a dois anos em que Jorge Amado esteve em autoexílio, devido à repressão política do Estado Novo, na Argentina e Uruguai e desde então vem sendo estudado por um grupo de pesquisadoras. Entre os documentos do acervo, está um romance inédito e inacabado de autoria de Jorge Amado. A representação das mulheres na obra de Jorge Amado tem se mostrado como uma vertente profícua de pesquisa. E aqui buscaremos preencher uma lacuna nessa tradição ao procurar em páginas do Acervo essa representação de pessoas-personagens mulheres durante sua fase militante, principalmente nesse romance inédito e inacabado, de características intimistas, dar visibilidade a um romance inédito de uma das fases mais engajadas da literatura de Jorge Amado e terá como eixo o esforço de visibilizar as mulheres na história literária e, ao mesmo tempo, as militantes enquanto personagens de uma história de resistência ainda não contada.

Palavras-chave: Romance inédito. Mulheres militantes. Jorge Amado.

(UN)FINISHED NARRATIVES: WOMEN IN JORGE AMADO'S UNPUBLISHED NOVEL

Astract: My Master's dissertation cataloged and described all documents contained in the collection A Mala de Jorge Amado, dated in 1941 and 1942. In those two years in which Jorge Amado was in self-exile due to the political repression of the Estado Novo in Argentina and Uruguay. This collection reached the coordinator's nuLIME in 2011, and since then it has been studied by a group of researchers. Among the documents of the collection was an unpublished novel written by Jorge Amado. The representation of women in the work of Jorge Amado has proved to be a profitable line of research. This work will seek to fill a gap in this tradition when searching in pages of the Jorge Amado Collection this representation of person-character women during their militant phase, mainly in the unpublished and unfinished novel of intimate characteristics, which is kept in the file donated to nuLIME (Núcleo Literatura e Memória). This work intends to give visibility to an unpublished novel of one of the most engaged phases of Jorge Amado 's literature and will have as its axis the effort to make women aware of literary history and, at the same time, the militants as characters of a story not yet told.

Keywords: Unpublished novel. Women militants. Jorge Amado.

NARRACIONES (SIN TERMINAR): MUJERES EN LA NOVELA INÉDITA DE JORGE AMADO

Resumen: Mi tesis de maestría catalogó y describió todos los documentos contenidos en la colección A Mala de Jorge Amado, fechada en 1941 y 1942. En esos dos años en que Jorge Amado se exilió a sí mismo debido a la represión política del Estado Novo en Argentina y Uruguay. Esta colección llegó al nuLIME (Núcleo Literatura e Memória). Coordinador en 2011, y desde entonces ha sido estudiada por un grupo de investigadores. Entre los documentos de la colección se encontraba una novela inédita escrita por Jorge Amado. La representación de las mujeres en el trabajo de Jorge Amado ha demostrado ser una línea de investigación rentable. Este trabajo buscará llenar un vacío en esta tradición al buscar en páginas de la Colección Jorge Amado esta representación de mujeres de carácter personal durante su fase militante, principalmente en la novela inédita e inacabada de características íntimas, que se guarda en el archivo donado nuLIME (Núcleo Literatura e Memória). Este trabajo pretende dar visibilidad a una novela inédita de una de las fases más comprometidas de la literatura de Jorge Amado y tendrá como eje el

esfuerzo por hacer que las mujeres conozcan la historia literaria y, al mismo tiempo, los militantes como personajes de una historia aún no contada.

Palabras clave: novela inédita. Mujeres militantes. Jorge Amado.

Submetido em Setembro de 2017

Aprovado em Novembro de 2017